1926 - "PARA AS FRONTEIRAS DO CEARÁ!": A COLUNA PRESTES NO TERRITÓRIO CEARENSE E A ÓTICA DOS JORNAIS IMPRESSOS

Alex Alves de Oliveira[*]

RESUMO

Nossa reflexão versa sobre a construção das representações da Coluna Prestes no Ceará quando de sua passagem em 1926. Sobre a Manifestação, oriunda do Tenentismo que surgiu na Década de 20 do século XX, percorreu entre 24 a 25 mil quilômetros do território nacional. No interior cearense, variados confrontos aconteceram entre as forças legalistas e a Coluna Prestes. Naquele contexto, os meios de comunicação, a citar os jornais impressos, passaram a noticiar a passagem dos integrantes da Coluna, anunciando-os em suas edições como "revoltosos, saqueadores, impatrióticos e perturbadores da ordem." A partir das reflexões entre a história política e a história cultural, as observações traçadas nesse artigo, visou analisar acerca das visões escalonadas sobre a presença dos marchantes, a partir da cultura escrita jornalística, aliançada direta ou indiretamente aos governos federal e estadual do período e de como a mesma geriu suas ações direcionadas ao movimento dos tenentes. Destacamos o papel do noticioso "O Nordeste", importante impresso de circulação no espaço cearense à época.

Palavras-chave: Coluna Prestes, Jornais impressos, Representações.

ABSTRACT

Our reflection is about the construction of representations of the Prestes Column in Ceará upon its passage in 1926. About the coming of the Manifestation Tenentismo that emerged in the decade of 20 century, ran between 24 and 25,000 km of national territory. Inside Ceará, varied clashes occurred between loyalist forces and the Prestes Column. In that context, the media, quoting the newspapers, began to notice the passage of the members of the Column, advertising them in their editions as "rioters, looters, and unpatriotic troublemakers." From the reflections between history political and cultural history, the observations outlined in this article aimed to analyze about the visions spread over the presence of marchers from the culture journalistic writing, covenanted directly or indirectly to the federal and state governments of the period and how it managed its actions aimed at movement lieutenants. We emphasize the role of the news "The Northeast" important printed circulation within the time Ceará.

Keywords: Prestes Column, newspapers, Representations.

[*] Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professor Colaborador do Instituto Dom José/Universidade Estadual Vale do Acaraú (IDJ/UVA). Professor Formador do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR-UESPI) / bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Professor de História da Rede Básica do Estado do Ceará (SEDUC-CE). E-mail: alexeialves@hotmail.com.

No contexto da passagem da Coluna Prestes pelo Ceará, várias articulações políticas foram estabelecidas para combater a Manifestação, como o caso dos jornais impressos do período, por suas matérias jornalísticas e editoriais. Com isso, evidenciamos o sentido simbólico e suas intenções a partir da noção de representação[1], pois "quer compreender [...] tanto as transformações das estruturas da personalidade quanto à das instituições e das regras que governam a produção das obras e a organização das práticas." [2]

Da Coluna Prestes, destacamos que foi um movimento de feição militar, oriundo do Tenentismo[3], desencadeado ao longo dos anos 20 do século XX em decorrência do desmembramento de integrantes do Exército brasileiro. Insatisfeitos com o poder vigente da própria corporação e com a manipulação e controle político das oligarquias rurais no sudeste do Brasil, esses militares rebelados passaram a combater, pelo interior do País, as forças legalistas que desejavam a continuação de sua estrutura sociopolítica.

Partindo da necessidade de compreender os registros do passado relacionado à singularidade do objeto de pesquisa analisado, nossa aposta se geriu pelas orientações da nova história política e da história cultural. E na defesa dessa inflexão, assinalamos como ela se apresenta como uma operação salutar na medida em que nos dá subsídios para compreensão das representações das andanças da Coluna Prestes pelos sertões cearenses.

[1] Compreende-se a partir das formulações de Chartier que a "representação" é usada para analisar de que forma as estruturas sociais são incorporadas por um determinado grupo social e as formas que este usa pra construir sua identidade ou atribuir sentidos e significados. De um modo, as representações seriam símbolos que por meio das práticas ou produção desses símbolos imprimem uma determinada leitura de mundo, num dado lugar. Por esse viés, ver: CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações.* RJ: Bertrand, 1990.
[2] CHATIER, Roger. O mundo como representação. In: *Estudos avançados*, v. 11, n. 5, 1990, p. 183 – 184.
[3] Foi um movimento político-militar, toldado por características complexas e que ansiava por reformas dentro do exército nacional, assim como passou a reivindicar mudanças sociopolíticas no seio da sociedade brasileira, no período da Primeira República. Recebeu a nomenclatura por ter sido formado por sujeitos que compunham, na sua maioria, as hierarquias mais baixas da organização militar, neste caso, os tenentes e os oficiais. Segundo Forjaz, o Tenentismo apresentaria uma orientação difusa quanto seus ideais norteadores, ao passo que deve ser entendido e classificado entre contextos, pois existem diferenciações entre o movimento tenentista dos anos 20 e da nova feição apresentada em 30. Um dos principais desdobramentos da primeira fase do movimento tenentista foi a formação da Coluna Prestes. Sobre Tenentismo, ver: FORJAZ, Maria Cecília Spina. *Tenentismo e política.* RJ: Paz e Terra, 1977. FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930***:** historiografia e história. 1ª edição. SANTA ROSA, Virgínio. *O sentido do tenentismo***.** 3ª edição. SP: Ed. Alfa - OMEGA, 1976.

Sobre a história política, direcionamos nossa mente para suas renovações conceituais e metodológicas. Antes vista por seu caráter simplista, reducionista e voltada para os substratos elitizados das sociedades, construindo, assim, narrativas sobre a vida e a função política dos reis, dos heróis, dos poderosos e do Estado, a história política, a partir de suas reformulações internas, ganhou nova roupagem. Intitulada agora de “nova história política”, redimensionou seu olhar e postulou outras formulações acerca dos eventos e personagens.

Mediante novas percepções, outros segmentos e manifestações sociopolíticas passaram a ser captados, levando em consideração a relevância de suas funcionalidades, ideias, práticas e ritos, e entendidos agora como importantes elementos de decifrações ou entendimentos do passado. Com isso, a nova história política revisitou temas e contextos, enfocando estudos sobre os partidos políticos, os processos eleitorais, as concepções ideológicas, a religião, a mídia, entre outros. Assim como o universo das representações e práticas sociais, das memórias (coletivas e individuais) e de suas disputas na construção das tramas.

Perante novos caminhos, não poderíamos deixar de apontar para as alianças construídas entre a história política com outras ciências do conhecimento. Como define Remond: “De fato, a renovação da história política foi grandemente estimulada pelo contato com outras ciências sociais e pelas trocas com outras disciplinas”[4]. Das interessantes parcerias, o referido autor assinala para os profícuos diálogos com a sociologia, o direito público, a psicologia social, a linguística, a informática, a cartografia e até a matemática, além de outras[5].

E das novas configurações de pensamento cerceadas pela história política, não poderíamos esquecer a cultura. Nessa perspectiva, a cultura toma dimensões cruciais no entendimento dos processos históricos, interligada com as questões sociais e políticas. Nessa perspectiva, as representações do passado e do(s) sujeito(s) passaram a ser pensadas no conjunto de aspectos mais amplo que permeia também o simbólico, o imaginário, por meio de discursos e práticas tecidas socialmente e intrínsecas de intencionalidades. Na adesão dessa orientação, o historiador pôde também assim compreender “tanto os objetos culturais, os

[4]REMOND, Renné. *Por uma História Política.* 2ª edição, Rio de Janeiro: editora FGV, 2003, p. 29.
[5]Idem.

sujeitos produtores e receptores de cultura, os processos que envolvem produção e difusão cultural, os sistemas que dão suporte a estes processos e sujeitos."[6]

Especificamente sobre a relação do político e do cultural, segundo Bernstein, as interações entre ambos propiciaram interessantes discussões, elaborando-se o que poderia ser pensado como cultura política, em que esta revela que "um dos maiores interesses [...] é de compreender as motivações dos atos dos homens [...] de suas representações da sociedade, do lugar que nela têm e da imagem que fazem da felicidade"[7]. Sobre cultura política, conceito proveniente da ciência política[8], mencionamos que ele foi apropriado e (res) significado pela história política, resultando numa melhor compreensão e aplicação dele na análise dos eventos e personagens ao longo do tempo. E em uma das definições, Ângela de Castro Gomes comenta que a cultura política seria "[...] 'um sistema de representações complexo e heterogêneo', mas capaz de permitir a compreensão dos sentidos de um grupo (cujo tamanho pode variar) atribui a uma dada realidade social, em determinado momento no tempo"[9]. Portanto, pensar a cultura política concorreria ao entendimento de "[...] como certa interpretação do passado (e do futuro) é produzida e consolidada, integrando-se ao imaginário ou à memória coletiva de grupos sociais [...]".[10]

Pela necessidade de direcionarmos a fundamentação do nosso trabalho no que tange ao aspecto conceitual-teórico, recorremos, especialmente, às discussões de Roger Chartier sobre o estudo das representações que "tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos, uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler"[11].

Em continuidade: "As representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas por interesses de grupo que as forjam"[12]. Por isso, a necessidade de entendermos que os discursos proferidos em circunstâncias particulares subtendem compreender a posição de quem se

---

[6] BARROS, José D'Assunção. *O campo da História.* 4ª ed. Petropolis: Ed. Vozes, 2004, p.55 e 60.
[7]BERSTEIN apud TÉTART, Philipe. *Pequenas Histórias dos Historiadores.* SP: Edusc, 2000, p. 130.
[8] Sobre o conceito de cultura política construído na perspectiva da ciência política Cf. ALMOND, Gabriel e VERBA, Sidney. *The civic culture, political attitudes and democracy in five nations***.**An analytic study. Boston: Litlle Brow, 1965.
[9] GOMES, Ângela de Castro. História, Historiografia e Cultura Política no Brasil: Algumas Reflexões. In: *Culturas Políticas: Ensaios de História Cultural, História Política e Ensino de História*.RJ: MAUAD, 2005, p. 31.
[10]GOMES, op. cit., p. 33.
[11] CHATIER, op. cit., p. 17
[12] Idem.

promove deles. E isso pode denunciar visões e posicionamentos, no nosso caso em específico, sobre a Coluna Prestes no Ceará.

Ainda no âmbito das representações, Chartier coloca que

> ao trabalhar as lutas de representação, cuja questão é o ordenamento, portanto hierarquização da própria estrutura social [...] Centra atenção sobre as estratégias simbólicas que determinam posições e relações e que constrói para cada classe, grupo ou meio, um ser percebido constitutivo de sua identidade. [13]

Em síntese, Chartier afirma que a noção de representação vem a ser um "instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de o reconstituir em memória e de o figurar como ele é"[14].

Dos jornais cearenses em relação à presença da Coluna Prestes no Ceará, atentamos para a atuação destes periódicos na campanha anti-Coluna. Buscamos, assim, identificar a contribuição dos noticiosos cearenses na divulgação das notícias relacionadas às tropas de Luís Carlos Prestes, ou seja, pensar as representações elaboradas pela imprensa local sobre a Coluna. Com isso, foi necessário também fazer uma leitura e interpretação dos jornais cearenses que se alinharam às forças de coalizão anti-Coluna, no âmbito do combate político e ideológico contra os membros da Coluna Prestes. É nesse ínterim que, para a construção dos pressupostos que sustentam nossa reflexão, tornou-se necessário trabalhar com documentos que se encontram presentes no Arquivo Público do Ceará, na Biblioteca Pública Menezes Pimentel e no Instituto Histórico e Antropológico do Ceará. Neste caso, os jornais "Diário do Ceará", "O Nordeste", "O Sitiá", "Gazeta da Serra" e "Correio da Semana" compõem nosso quadro de periódicos utilizados na pesquisa. Neles, estão presentes os editoriais, textos-comentário, notas policiais, entrevistas de autoridades e civis, cartas e telegramas que fazem alusão à Coluna Prestes em terras cearenses.

A escolha dessa documentação possibilitou, por meio de sua análise e interpretação, compreender como se deu a propaganda anti-Coluna dos jornais, entendida como representação, a favor do Governo Artur Bernardes, então presidente do País e a serviço das oligarquias locais cearenses. Entender como se configurou essa cobertura, proferida por parte

[13] CHATIER, op. cit., p. 188.
[14] CHATIER, op. cit., p. 20.

da imprensa, foi imprescindível ao entendimento dos acontecimentos sobre a passagem da Coluna Prestes no Ceará.

Tendo os jornais como uma das referências documentais, concebemos que eles são importantes meios de divulgação de ideias e posicionamentos, seja político, religioso, econômico e/ou de outros aspectos. Por isso, os jornais são interessantes como fontes entremeadas de significados, contribuindo na moldagem e na representação dos eventos ou processos históricos. Percebemos, então, como o jornal tem sua funcionalidade na sociedade assim como intencionalidades variadas. Nesse caso, os desejos e ações de ordem política podem ser uma possibilidade. Como atenta Remond, os meios de comunicação, embora não sejam por "natureza realidades propriamente políticas, podem tornar-se políticos em virtude de sua destinação, como se diz instrumentos que são transformados em armas"[15].

Diante das complexidades que permeiam os meios de comunicação, focamos nosso olhar para os jornais. Sobre o específico produto, entendemos que eles não estão desprendidos de um todo social. São materiais concebidos por sujeitos/produtores, tornando-se, assim, urgente esmiuçar os elementos que os constituem:

> É importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes, que nada têm de natural. Historicizar a fonte requer ter em conta, portanto, as condições técnicas de produção vigentes e a averiguação, dentre tudo que se dispunha, do que foi escolhido e por quê... Daí a importância de se identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para escolha do titulo e para os textos programáticos, que dão conta de intenções e expectativa, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores. [16]

Por tanto, entender aspectos políticos, sociais e histórico-culturais nos jornais é pertinente de acordo com as questões formuladas e as necessidades de compreendê-las. O "texto", qualquer que seja sua funcionalidade, não é algo desprovido de significados e, sim, imbuído de sentidos que, para compreendê-los, é necessário buscar aporte e técnica apropriados. Para as novas possibilidades, elucidamos que a nova história política não poderia "dispensar a imprensa, que cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder.

---

[15] REMOND, op. cit., p. 441.

[16] LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY Carla Bassanezi. (Org.) *Fontes Históricas.* 2ª edição, São Paulo: Ed. Contexto. 2006, p.132 e 140.

Os questionamentos desse campo, imbricados com os aportes da história cultural, renderam frutos significativos”[17].

No nascente ano de 1926, um dos jornais cearenses anunciava,em sua edição diária, que “a ordem estava alterada”. A notícia se referia a um grupo de dissidentes do exército que percorriam parte do território nacional desde o ano de 1925. Liderado por tenentes rebelados do exército, a Coluna Prestes era um movimento pouco compreendido pela época e que passou a ser denominado, popularmente, por “revoltosos”. A eles eram atribuídas a desordem, o terror, a ofensa contra a paz da família e da nação brasileira.

Notícias vindas do Piauí, estado vizinho do Ceará, apontavam a incursão dos membros da Marcha para o território cearense: “Conforme noticiamos na edição de hontem um troço de rebeldes occupou Peripery que fica a cerca de 30 léguas de S. Benedito”[18]. Naquele momento, a Coluna percorria em proximidades dessa localidade situada na Serra da Ibiapaba, divisor geográfico entre os Estados citados acima.

As especulações sobre a travessia da Coluna Prestes rumo ao Ceará começaram a ser divulgadas pelos meios de comunicação locais. Naquele tempo, o Estado cearense começava a esboçar sua frente de organização no intuito de combater a Marcha, uma vez que ela já avançava para os primeiros povoados de seu território. Perante inquietudes e incertezas sobre como a Coluna se apresentaria e adentraria as localidades cearenses, os jornais impressos antecipavam para uma possível invasão da cidade de Sobral, que na época era tida como um dos principais municípios da região norte do Ceará, e os danos que poderiam acontecer na referida cidade. Em tempo, o primeiro grupo da Coluna, liderado pelo tenente João Alberto, já avançava a Serra da Ibiapaba. Vejamos nessas passagens:

> Começa, assim, o Ceará a padecer os desares da horda perturbadora que, na empreitada criminosa traz até nós as suas bandeiras vermelhas com todo cortejo de vexames para as pacatas populações. [...] A Investida dos rebeldes trará grandes damnos para a economia do Estado, bastando citar que fica sob suas ameaças a ferrovia de Sobral, de grande importancia, innegavelmente.[19]

[17] Idem, p. 128.
[18] Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 16/01/1926, p. 01.
[19] Jornal *Diário do Ceará*, Fortaleza, 14/01/1926, p. 01.

Quem eram esses homens? Quais seus intuitos? Sujeitos desconhecidos da população local que se configuravam como seres estranhos à realidade cearense e apresentados de acordo com os modos e intentos das falas daqueles que representavam as forças de coalizão anti-Coluna[20], nesse caso, para as publicações dos meios de comunicação: a imprensa cearense.

Diante dessas inquietudes, problematizamos como os jornais apresentavam a Coluna Prestes, de quem eram esses jornais e como eles atuaram na campanha de combate à Coluna, os direcionamentos político-ideológicos e as estratégias de divulgação. Por isso, foi necessário contextualizar seus discursos, vínculos e propósitos.

Na materialidade dos impressos, foi sugestivo notar alguns aspectos relacionados à compreensão das significâncias elaboradas sobre os personagens do Movimento, atentando-se para a própria formatação dos jornais, o aspecto estético das notícias, pois evidenciamos nesses jornais, além do destaque dado ao evento nas primeiras páginas, outros elementos que nos chamam atenção na construção das visões sobre a Coluna, tais como: o tamanho, a posição e os enunciados.

Desse modo, algumas questões se tornaram pertinentes à nossa discussão. E assim, problematizamos as práticas que, ao se apreenderem de referências simbólicas, produzem usos e significados[21], no nosso caso, os ideais, os interesses e as imagens dos personagens perseguidores e combatentes envolvidos no evento.

Em meio às turbulências daquele período com a presença da Coluna, reportamo-nos à atuação dos jornais impressos, com destaques para "O Nordeste" e o "Diário do Ceará", que relataram a presença da Coluna em território cearense assim como outros três impressos de menor circulação: o "Sitiá", "Correio da Semana" e a "Gazeta da Serra". Vale destacar que parte dos impressos citados antes de cobrir a travessia do Movimento no Ceará, já noticiava

[20] Entendemos com um conjunto de forças articuladas direta e indiretamente no combate à Coluna Prestes. Podemos dizer, a partir dos indícios documentais consultados, que estavam envolvidos nessa façanha as oligarquias locais, autoridades políticas e públicas tanto da esfera governamental federal, estadual e local. Citamos ainda, os batalhões patrióticos, nesse caso, referimo-nos ao "batalhão Floro Bartolomeu", as polícias locais e militar do Ceará e as tropas federais, a destacar, a participação das forças gaúchas que foram a Crateús em perseguição à Marcha. Dos meios de comunicação cearenses, destacamos os principais jornais de circulação pelo Ceará. Atribuímos relevante atuação dos impressos locais, uma vez que no período da travessia da Marcha no interior cearense, inúmeras notícias e reportagens foram redigidas, apontando para uma reprovação da ideias e atitudes dos tenentes rebelados. No cenário de articulações em represália a evolução da Coluna, mencionamos também, a participação, aparentemente, discreta do líder religioso Padre Cícero Romão Batista e de outros personagens secundários como jagunços, cangaceiros e civis.

[21] CHARTIER, op. cit., p. 178.

uma possível entrada da Coluna em território, mesmo que isso de fato acontecesse. Nesse sentido, interrogamos por que anunciar em tais páginas uma possível “invasão” assim como o intuito de representar a Coluna como “desordem”. Por que associar o pavor e o terror aos personagens do Movimento?

Segundo as fontes consultadas, a Coluna Prestes permaneceu aproximadamente 21 dias no Ceará, percorrendo as regiões da Serra da Ibiapaba, Inhamuns e oeste do Cariri, para em seguida cruzar o sertão central e partindo rumo ao estado do Rio Grande do Norte. A Coluna cruzou o espaço cearense, praticamente, dividida em dois segmentos que o adentrou, em regiões diferentes e em períodos sutilmente díspares. O reencontro total da Marcha só viria acontecer, após o conflito de Crateús dias depois, na localidade de Arneiroz.

Como é de conhecimento, parte dos integrantes da Marcha era composta por tenentes e capitães, esses “formados” na educação militar. Várias táticas de defesa, como despistar inimigo ou ataques, eram aplicadas na caminhada. Daí, raramente, a Coluna desfilava com seu efetivo completo. No Ceará, o menor segmento liderado por João Alberto seguiu pela região norte, nas proximidades da Serra da Ibiapaba, enquanto o grupo maior liderado por Luiz Carlos Prestes, e denominado pelotão Estado-Maior, ainda sofria resistência no Piauí, adentrando posteriormente pela região sul, nas cercanias da localidade de Campos Sales.

Quiçá pelas dificuldades do momento e/ou aliadas às próprias táticas militares de defesa contra as forças legalistas, a Coluna, após se reunir em sua totalidade, decidiu sair em retirada do estado cearense, atravessando o Sertão Central e Vale do Jaguaribe para penetrar no estado vizinho. Como o próprio termo passagem denota efemeridade, a travessia da Coluna no Ceará, apesar de rápida, foi marcada por lances de turbulências, embebidos por tramas políticas, traduzindo-se, a nosso ver, em uma considerável campanha de combate aos membros da Marcha e nalguns conflitos diretos entre esses e as forças legalistas.

Perante as alianças estabelecidas em prol de dizimar o movimento dos “rebeldes” em solo cearense, nos deteremos em analisar a contribuição dos impressos nessa empreitada, sem desmerecer contextos e sujeitos envolvidos. Afinal, o jornal deve ser entendido nas relações político-culturais e isso permite traduzir quanto os jornais se revelam importantes mecanismos, ávidos de poderes e inseridos em realidades sociais. Nesse sentido, o jornal representaria “[...] fundamentalmente um instrumento de manipulação de interesses e de

intervenção na vida social"[22]. Por essa ótica, procuramos perceber como os impressos cearenses, utilizados como fontes nesse trabalho, se articularam com as forças políticas locais e nacionais. Na tentativa de dar lógica à questão, nos detivemos a pensar como os jornais apresentavam e representavam a Coluna à população da época, por meio dos artigos, editoriais e cartas que tinham como intuito mostrar, ao seu modo, quem seriam esses membros rebelados do exército.

Os editoriais e as colunas jornalísticas dos principais jornais cearenses no período da passagem da Coluna Prestes no Ceará estavam voltados para relatar a incursão dos "rebeldes". Suas edições diárias eram abertas com manchetes: "revolucionários nunca!", "a invasão do Estado pelos sediciosos", "A destruição da propriedade e da vida feita arma de combate dos rebeldes", "Mais uma selvageria dos rebeldes".

Vejamos um dos fragmentos expostos pelos impressos:



A luta contra os rebeldes no Ceará

Três ataques contra Cratheús são repellidos pelos legalistas. A bravura da guarnição daquella cidade. As baixas soffridas pelos assaltantes

Imagem 1: Jornal "O Nordeste", n° 1061. 18/01/1926.

Ao focarmos a discussão acerca do papel dos periódicos, nosso intuito se pautou na compreensão de como os artigos e as matérias jornalísticas publicados pensavam a Coluna Prestes. Comumente seus relatos traziam como peculiaridade, aspectos da antimoralidade e do antipatriotismo associados à Coluna, uma vez que, para esses impressos, a Marcha representaria um "mau" exemplo àsociedade. Nesse sentido, pensamos que o jornal, além de

22 CAPELATO, Maria Helena. Populismo na imprensa: UH e NP. In: MELO, José Marques de. (org.) *Populismo e Comunicação*. São Paulo: Cortez, 1981, p. 118.

meramente informante, é um formador de opinião pública. Portanto, vemos que esses jornais mesclavam notícias de caráter informativo com artigos de teor político, acenando para posicionamentos reprovadores da Coluna e da ação de seus membros. Os termos "perturbadores da moral, "revoltosos", "saqueadores", "impatrióticos" e outros representavam a Coluna. Para elucidar tal questão, recorremos:

> **REVOLUCIONARIOS, NUNCA!**
>
> O actual movimento, que a dois annos ensopa o solo immaculo da patria com as caudaes do generoso sangue dos brasileiros, porém não se enquadra nesse quadro.
>
> E' um flagrante erro considerar como revolução uma lucta ateada por um acto de indisciplina, uma insubordinação partida dos quartéis, uma peleja criminosa e ingloria de homens que mentiram á fé jurada, a um compromisso solenne sellado com a propria honra de cada um e com o qual deveria extinguir-se a propria dignidade.
>
> Revolucionarios jamais!
>
> Não fazem revolução as hordas que se tresmalham, desorganizadas, pelos recovôes pelas paragens longinquas do hinterland, sanhudas e irreverentes, fazendo derrama de desassocegos e vexames entre as pacificas famílias e populações sertanejas. Não fazem revolução. Hordas que se professaram em matar e a assaltar, em nome de que idèal ninguem sabe, de que principios todos ignoram, por que razão ninguem conhece [...] Não é revolução a marshoca implantada em prejuízo dos mais sagrados interesses da Nação por um grupo de maus brasileiros transviados de verdadeira rota illuminada.
>
> Mas ella, não será de todo inutil. Tem o alcance de uma sabia lição que deve ser aprendida como devido carinho e patriotismo.[23]

Nesse trecho, transcrito de um dos artigos publicados pelo jornal "Diário do Ceará", foi esboçado o posicionamento desse impresso em contraponto aos ideais e ações dos membros da Coluna. Nesse caso, observa-se que, para além do conteúdo revelador, a maneira como foi exposto o comentário exibido em primeira página do noticioso, com grafia diferenciada, ou seja, dos recursos de exposição da mensagem, contemplaria um intuito, um desejo. Qual seria esse desejo? Diante das circunstâncias, indagamos acerca do lugar social dos impressos, pois os jornais devem ser entendidos no ímpeto de suas orientações políticas e ideológicas e, sobretudo, que suas produções são dirigidas a um público leitor específico.

---

23 Jornal *Diário do Ceará*, Fortaleza, 20/01/1926, p. 01.

Na decifração dos conteúdos apresentados sobre a Marcha, constatamos, nos noticiosos consultados, uma visão contrária a ela. Das cenas descritas, ficava-se, evidente, o lado ou a marca sombria dos marchantes. Longe de fazermos apologia à Coluna Prestes, nossa indagação se pautou em compreender como os noticiosos locais construíram essas imagens, visões e posicionamentos sobre os membros da Coluna, quando de sua passagem pelo Ceará.

De "revoltosos" a "saqueadores", os membros da Coluna representariam um "mau exemplo" à sociedade da época. As matérias jornalísticas dedicavam parte do espaço destinado à travessia da Marcha, para retratar, nos seus moldes, os atos dos "revoltosos", classificando-os como os limites da atrocidade. Sendo atribuído o horror à Coluna, considerada desordeira, e afirmava-se ainda que seus membros estavam cometendo um crime à sociedade brasileira pelos seus atos impatrióticos e antimorais. Parte dessas reportagens tentava mostrar à população cearense que a Coluna não tardaria a fracassar nos seus intuitos.

No traçado dos caminhos da Coluna Prestes, algumas localidades foram roteiros do movimento dos tenentes. Os impressos apresentavam a presença dos integrantes como uma invasão, causando pavor à população local e, principalmente, ao apontarem para os prejuízos de ordem econômica, caracterizados pelos saques de víveres, utensílios domésticos e pilhagens.

A passagem da Coluna pelo sertão dos Inhamuns foi destacada em algumas edições do jornal "O Nordeste": "Já tivemos a ocasião de informar ao público que a região dos Inhamuns foi uma das que mais soffreram na incursão dos rebeldes em nosso Estado [...] conduziram das diversas fazendas cerca de mil animaes"[24]. O texto referiu-se àpassagem da Coluna Prestes pelo município de Arneiroz, localidade situada nessa região do Ceará. Na mesma edição, foram publicados, além da reportagem, trechos de uma carta de um dos moradores da região. Segundo o impresso, o fazendeiro Vital de Castro. A carta publicada relatava os saques cometidos pelos membros da Coluna em sua propriedade:

> Fui talvez a maior vítima de ataque e prejuízos. Da primeira vez entreguei do meu curral, um lote de 22 burros, afora, muitos que elles já haviam conduzidos pelas fazendas vizinhas, além de poldros e cavallos. Levaram-me igualmente as armas que me dispunham facas e outros objectos de valor. Neguei-lhe 5 contos

[24] Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 16/01/1926, p. 01.

> de réis por que não os tinham e elles inpuseram-me dar-lh'o, ou ser levado preso.[25]

Pela edição do impresso, a publicação da carta mostrava quão "danosa" teria sido a passagem dos membros da Coluna Prestes por esta região. No período de permanência dos integrantes do movimento em solo cearense, diariamente reportagens, artigos e cartas foram publicadas, sempre destacando para os atos considerados "vis" dos integrantes da Coluna.

Embora a região dos Inhamuns não tivesse sido marcada por grandes conflitos armados entre a Marcha e as forças legalistas, o grande destaque teria sido dado a uma suposta devastação material da região pelos integrantes do Movimento. Assim, os impressos atentavam para os casos de saques, ataques a propriedades rurais e estabelecimentos comerciais. Essas ações foram exploradas em demasia pelos impressos, por meio de suas edições diárias, tornando-se visível um esforço desses meios de divulgarem tais atos, na medida em que exaltavam os esforços do Governo ao rechaçar as forças da Coluna.

Os jornais relatavam que maioria dos estabelecimentos comerciais estava fechada e as pessoas continuavam se refugiando em esconderijos, nos chamados "pés de serra". Um dos textos utilizados como fonte de pesquisa, do jornal "Gazeta da Serra", impresso de menor circulação e destinado ao público da Serra da Ibiapaba, descreveu a reação da população local com os rumores da chegada da Coluna:

> Tomados de delírio, assombrados como se de nós se aproximasse, vândalos e canibaes. Homens, mulheres, meninos e anciãos, aleijados e parturientes, todos os que tinham pernas para correr e mãos para arrastar com bahús, malas e cestos à cabeça, com filhinhos nos braços, trouxera nas mãos e os doentes em redes, todos abandonaram suas casas – um verdadeiro êxodo rumo ao exílio [...] quem não correu teve vontade. Somente o padre mostrou grande serenidade, não deixando de celebrar a missa da novena de S. Sebastião, orago daquella cidade.[26]

Concomitante a esses discursos, qual o intuito desses impressos ao realizar contraponto entre os membros da Coluna Prestes e a população local, colocando-a como vítima das ações dos "rebeldes"? Por certo, o artifício do "medo", do "terror", era amplamente

[25] Jornal *O Nordeste*, Fortaleza, 21/01/1926, p. 01.

[26] Jornal *Gazeta da Serra*, Ubajara, 31/01/1926, p. 01.

explorado pelos jornais, ao abordarem, em suas edições, vários relatos das atrocidades da Coluna, assim como enfatizavam que a rotina das populações locais se encontrava “alterada”.

Os argumentos construídos pelos jornais apresentavam certa erudição no uso das palavras ao elevar o discurso da moralidade e do civismo. Mas, em nenhum momento, esclareceu ao seu público leitor quais seriamos motivos da empreitada da marcha da Coluna pelo território nacional. Perante uma suposta ausência de esclarecimento ou debate sobre as ideias do Movimento, pensamos que o jornal constrói imagens e sentidos a partir dos seus interesses e de acordo com suas alianças e vínculos. Quanto à discussão do lugar social dos jornais em meio ao contexto local e nacional, trataremos mais àfrente. No momento, buscamos elucidar as apresentações e as representações da Coluna Prestes no sertão cearense pelos impressos.

O teor do texto, nesse caso, sobre aqueles elaborados pelos redatores dos impressos, referente aos membros da Coluna Prestes, devem ser percebidos além da aparência externa ou da mensagem superficial, pois neles existem interdições, entreditos ou não-ditos. Esses mecanismos, além de dizer algo, também podem propor ausências ou omissões que nos fazem refletir quanto os documentos são perpassados por interesses e como eles são passíveis de questionamentos. Longe de acusarmos uma legitimidade ou não dessas frações, deduzimos que essas apresentações dos jornais propiciaram compor imagens verbais dos membros da Coluna Prestes. E mais, esses textos jornalísticos além de comporem imagens desvelam ações, pois “os textos são nele mesmos, atos e posições. Dizer é fazer”[27].

Por construirmos nossa pesquisa pelo enfoque histórico, aspectos de ordem contextual são necessários, ao passo que nos ajudam a compreender a construção de representações sobre a Coluna Prestes em um determinado momento. Tais quais os sentidos atribuídos ao Movimento pelos meios de comunicação, nos reportamos aos impressos cearenses que reforçavam a campanha anti-Coluna promovida pelo Governo da época, que tinha como presidente Artur Bernardes. Nesse bojo, atentamos para as plurais funcionalidades dos impressos na promoção do Governo, na medida em que compactuava com este na campanha contra a Coluna.

Para além do caráter noticioso acerca da Coluna Prestes em território cearense, apresentado pelos impressos, eles cediam espaços para a publicação de telegramas oficiais,

---

[27] PROST, Antoine. As palavras. In: REMOND, op. cit., p. 317.

cartas de autoridades, notas policiais e notas oficiais. Nesse caso, percebemos as multiplicidades de usos do impresso e as possibilidades de jogo que a imprensa se utiliza diante de circunstâncias e interesses. Pela lógica, o jornal não está alheio ou desprendido de contextos.

Dentre as fontes históricas que compõem o *corpus* documental da referida pesquisa, trabalhamos com alguns noticiosos do período de maior circulação pelo estado. Neste caso, referenciamos os jornais "O Nordeste" e o "Diário do Ceará" e outros impressos, não de menor importância, mas que, em função de alcance mais restrito, aparecem de maneira pontual no texto. Sobre esses, apresentamos os jornais "Gazeta da Serra", "O Sitiá" e o "Correio da Semana".

Na composição dos jornais impressos disponíveis para o desenvolvimento da pesquisa, procuramos mapeá-los, atentando saber quem eram seus produtores e verificar seus posicionamentos políticos e valores morais. Enfim, aspectos que estão na alçada do método e rigor histórico. Embora sempre a bom uso, utilizamos os jornais, pensando neles como interessantes fontes históricas e produzidas no "calor do momento". Porém, para essa questão chamamos atenção, aos caprichos ou sedução da informação, pois não devamos cair no artífice da notícia jornalística ao pensarmos que ela é reflexo absoluto do real.

Notícias, reportagens, artigos, cartas e outros elementos presentes nos jornais estudados precisam ser compreendidos por dentro e por fora, nas teias das relações sociais, culturais e políticas. Assim, devemos ter em mente que a confecção de uma determinada notícia é perpassada por uma seleção, organização, um crivo do que deve ser produzido, de como ser divulgado e pra quem se destina.

Sem dúvida, para esta pesquisa, nos é interessante apontar como alguns elementos foi explorado pelo jornal "O Nordeste", não de maneira aleatória ou nas esmiúças de suas questões de ordem técnica, uma vez que ele não é o objeto central da pesquisa, mas pelas suas peculiaridades quanto à atuação a favor do Governo (federal e local) e declaradamente contrária aos ideais e ações da Coluna. Com isso, é notório salientar que este impresso foi um dos poucos do período e de conhecimento nosso que cobriram a travessia da Coluna por outros estados nordestinos.

Destacamos nele notícias referentes à passagem da Coluna Prestes nos Estados do Maranhão, Piauí, Rio Grande do Norte, entre outros. Porém, dentro do período que nos

interessa, limitemo-nos a comentar sobre a atuação daquele no que concerne aos retrates da incursão da Coluna por território cearense. Sobre "O Nordeste", Araújo comenta que "[...] era o que representava mais abertamente um segmento social, priorizando o caráter doutrinário com uma forte militância doutrinária social da Igreja, na formação de bons costumes"[28]. Em suas matérias jornalísticas, era visível seu apoio às forças de coalizão anti-Coluna assim como à elaboração de contrapontos entre os atos patrióticos dos legalistas e população cearense e das atitudes dos membros da Coluna Prestes.

Outro impresso que promoveu uma vasta cobertura da passagem da Coluna Prestes e apoiou o Governo no combate ao movimento "rebelde" foi o "Diário do Ceará". Esse periódico surgiu no ano de 1920 e perdurou até a década de 30 do século XX. Constituído pela fusão de outros dois impressos, "Folha do Povo" e "Estado do Ceará"[29], sob a direção de Hergenildo Firmeza, atuou na campanha anti-Coluna, expressando em suas páginas um teor mais político no que concernia às questões de apoio ao Governo e das próprias medidas de aniquilação do Movimento liderado por Prestes. Desse periódico, pelas edições consultadas, foi perceptível seu desempenho à discussão política, ao pautar as tramas políticas envolvendo o Governo e a Coluna. Percebendo essas nuances, podemos pensar como se configurava parte da imprensa na década de 20. Nessa alusão, recorremos a Sodré quando coloca que "a grande imprensa fez do tema político a tônica de sua matéria – tal como a política era entendida e praticada na velha República oligárquica"[30].

Quanto aos demais noticiosos, nos chamam atenção por não serem produzidos na capital do estado, Fortaleza. Proprietários, produção e público pertenciam a localidades do interior do Ceará. O jornal "O Sitiá", impresso da cidade de Quixadá, na região do sertão central, direção e propriedade de Eusébio de Sousa, apresentou uma produção interessante de notícias sobre a travessia da Coluna, porém, em menor proporção se comparado com "O Nordeste" e o "Diário do Ceará". Acerca do impresso quixadaense, apontamos como maior peculiaridade a publicação da carta do líder político e religioso Padre Cícero Romão Batista, residente na região do Cariri cearense, direcionada a Luiz Carlos Prestes. Intitulada de "Caros Patrícios", essa carta revelou em seu conteúdo elementos peculiares referentes à visão do

---

28 ARAÚJO, Erick Assis de. *Nos Labirintos da cidade:Estado Novo e o cotidiano das classes populares em Fortaleza*. Fortaleza: INESP, 2007, p. 35.

29 Segundo Geraldo da Silva Nobre, o surgimento do '*Diário do Ceará*' ocorreu a partir da junção dos impressos 'Folha do Povo e 'Estado do Ceará' que eram "respectivamente órgãos 'rabelista' e 'aciolino', havida em consequência da pacificação operada na política estadual com ascensão, ao governo do presidente Justiniano de Serpa". Ver: NOBRE, Geraldo da Silva. *Introdução à História do Jornalismo Cearense.* Edição fac-similar/Fortaleza: NUDOC/Secretaria do Estado do Ceará – Arquivo público do Ceará, 2006, p. 140.

30 SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil.* 4ª edição. RJ: Mauad, 1999, p. 323.

religioso quanto aos integrantes da Coluna Prestes em travessia pelo Ceará e dos atos de seus membros. Entretanto, nosso intuito é discutir essa questão mais à frente.

Mencionamos ainda o jornal “Gazeta da Serra” com direção e propriedade de Manoel Miranda. Esse impresso circulante na região da Ibiapaba, onde algumas localidades foram percurso da Coluna, trouxe, em edições esporádicas, notícias e comentários referentes à Marcha. Já o jornal “Correio da Semana”, noticioso da cidade de Sobral, na região norte do Estado, se apresentava pela formação e direcionamento religioso, tendo como responsável o padre Leopoldo Fernandes e, vinculado à Igreja Católica. Ressaltamos que, com relação a este impresso, tivemos acesso de alguns poucos exemplares disponíveis avulsamente. Porém, não nos deixa de ser relevantes, pois se caracterizam como interessantes fontes escritas no que tange à composição das produções jornalísticas locais que trataram acerca da passagem da Coluna Prestes.

Após a apresentação dos jornais cearenses do período que cobriram a passagem do Movimento por terras cearenses, constataram-se que os citados impresso, mesmo com suas particularidades, davam apoio ao Governo nas suas campanhas em rechaçar o movimento dos ditos “revoltosos”. Além disso, notamos uma rede de sociabilidade das produções e produtores envolvidos ao comungarem de notícias em prol dos interesses governamentais, nas reportagens cedidas de um veículo a outro e amplamente divulgados em suas edições.

Ainda concorrendo para a compreensão da atuação dos jornais na construção de representações da passagem da Coluna Prestes no Ceará, apontamos os contextos históricos da época, na tentativa de elucidar questionamentos sobre como se constituiu a Coluna Prestes e como se apresentava a conjuntura política no cenário nacional e local do período.

Para compreender a realidade social e histórica tomada como epicentro desta pesquisa, fez-se necessário compreendermos o contexto social e político da sociedade brasileira da década de 20 do século XX. Nesse caso, variados historiadores trouxeram luz a inúmeras discussões sobre o Brasil republicano, tanto no que concernem às temáticas como problemáticas[31]. Em virtude das delimitações do presente trabalho, pontuamos levemente aqui alguns aspectos contextuais necessários.

---

[3][1] Sobre o Brasil republicano ver: JANOTTI,Mª de L. Mônaco. O diálogo convergente: políticos e historiadores no início da República. In: *Historiografia brasileira em perspectiva*. 5ª ed., SP: Contexto, 2003. GOMES, Ângela de Castro (org.) *A República no Brasil***.** RJ: Ed. Nova Fronteira/FGV/CPDOC, 2002. RESENDE, Mª Efigênia Lage. O processo político na Primeira República e o liberalismo oligárquico. In: *O tempo do*

Após o término da Primeira Guerra Mundial, o país passou por um período de várias transformações de ordem sociopolítica. O café, símbolo da política cafeeira e representado pelas oligarquias rurais, cristalizadas na personagem do "coronel", lentamente abria espaços no cenário político, ocasionados pela ação de alguns segmentos da sociedade civil, tais como a pequena burguesia nacional e os profissionais liberais. A urbanização e a industrialização começavam a modificar o cenário brasileiro. Cidades como Rio de Janeiro e São Paulo exemplificavam esses processos.

Havia uma insatisfação com os direcionamentos políticos do País, a centralização do poder estava nas mãos das oligarquias rurais e o desencadeamento de problemas sociais geraria várias insatisfações no âmbito político-social. Alguns movimentos de vanguarda alterariam parte da rotina da Primeira República. Nesse mosaico, poderíamos elencar a Semana de Arte Moderna em 1922, que chamaria atenção pra um país que precisava se libertar vícios políticos e sociais, voltando-se para manifestações pelos aspectos culturais; a fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB); e, por fim, o Tenentismo, desencadeado por militares rebelados – nesse caso, os tenentes.

Para alguns, o movimento dos tenentes rebelados não passaria de reivindicações desordenadas voltadas para a própria corporação. Porém, a repercussão de seus atos nas ruas dos principais centros urbanos do país materializou-se como um dos maiores manifestos contra a política vigente da época no Governo Artur Bernardes.

Em meios às agitações daquele momento, o maior desdobramento do Tenentismo nos anos 20 do século XX seria a Marcha desses tenentes rebelados do exército que, a partir da junção do movimento dos tenentes paulistas e gaúchos, formou a "grande marcha", designada Coluna Miguel Costa-Prestes. Tenentismo e Coluna Prestes não seriam sinônimos, apenas um desdobramento do primeiro. Sem dúvida, a marcha da Coluna Prestes teve notória repercussão na sociedade brasileira e, em menor escala, no cenário internacional.

Entre 1925 e 1926, no seu roteiro a Coluna já colecionava incursões pelas regiões do Sul, Sudeste e Centro-Oeste e rumando, em seguida, para o Nordeste. Entre baixas de contingente interno e das variadas adversidades de percurso, o Movimento continuou seu

liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930. RJ: Civilização Brasileira, 2003. LEAL, Victor Nunes. Coronelismo, enxadae voto- o município e o regime representativo no Brasil. SP: Alfa-Ômega, 1975. GOMES, Ângela de Castro. Venturas e desventuras de uma república de cidadãos. In: *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*. RJ: Casa da Palavra, 2003, p. 152-167.

itinerário, sendo até hoje lembrada como a marcha "invencível", pois, apesar dos inúmeros conflitos, a Coluna não teria se rendido às forças de Artur Bernardes em nenhuma ocasião.

Retornando ao nosso cerne, destacamos que, vindos de incursões pelos estados do Maranhão e Piauí, os membros da Coluna tinham sofrido em Teresina, capital piauiense, uma importante baixa particular: a prisão de um seus lideres, o tenente Juarez Távora. Aliado a essa fatalidade, a maioria dos integrantes do Movimento apresentava evidentes sinais de cansaço físico e doenças, como o surto de malária, adquirida pela passagem no Maranhão.

De um todo, seu efetivo se encontrava desgastado em virtudes dos combates bem como das próprias exaustivas andanças por extenso território nacional. Em tempo, a Marcha perdurava mais de um ano. E mesmo assim, debilitada, prosseguia sua jornada e naquela ocasião rumava ao Ceará, onde houve, sem fugir à regra dos demais estados da federação, mobilizações contra a Coluna Prestes e o desencadeamento de conflitos armados.

Das mobilizações de resistência à penetração da Coluna pelo Ceará, podemos elencar da seguinte forma: no campo armado, as forças legalistas eram compostas por membros do exército, polícias estaduais, fazendeiros, jagunços e civis. Já no campo político-ideológico, poderíamos mencionar, aparentemente em menor escala, o apoio de instituições religiosas, como a Igreja Católica e da impressa cearense. Porém, o nosso objetivo não foi julgar quem teria maior relevância, mas, sim, perceber as configurações de organização em prol de rechaçar o movimento dos tenentes.

Com isso, percebemos que havia uma articulação envolvendo vários segmentos na produção de práticas e discursos contra a Coluna quando de sua passagem por território cearense.

Diante da emergência da situação causada pela presença da Coluna, uma das primeiras medidas tomadas pelo governo, por meio da chefia de polícia do Ceará, foi promulgar estado de sítio no território cearense:

> **Nota policial:**
>
> **O doutor chefe da Policia deste Estado, torna publico que, em virtude da decretação do Estado de sitio para o Ceará, adoptou as seguintes providencias:**
>
> **a) não consentirá em qualquer manifestação ou apreciação contra atos das autoridades constituídas, ou sobre a acção dos rebeldes que acabam**

de invadir as fronteiras do Estado, para cuja repressão usará de medidas facultadas por lei;

b) não permittirá agrupamentos nas praças e vias publicas sob qualquer pretexto que os possa justificar;

(c) nenhum viajante poderá ingressar e retira-se do Estado, sem o indispensavel salvo-conducto expedido pelo gabinete de identificação[32].

O documento oficial foi publicado por vários impressos do período e sendo reapresentado em outras edições. Aparentemente, a nota policial apontou para o controle do espaço local, objetivando repassar a população que qualquer manifestação de caráter suspeito no entendimento do governo seria passível de punição.

Sobre os entendimentos do artifício da promulgação do estado de sítio pela polícia do Ceará, a publicação da nota policial pelos variados impressos locais, concorria certamente para a campanha anti-Coluna. O documento apresentado em negrito como transcrevemos do texto original, destacado em primeira página dos jornais, revelou de alguma forma a importância dada ao momento na medida em que atentava para apreensão da presença da Coluna em proximidades. De certa forma, também disseminava o medo, e este diretamente associado aos membros da Marcha, que, até então, eram desconhecidos da população local. O estado de sítio perdurou até a saída da Coluna do território estadual.

Como se sabe, nalgumas localidades de outras regiões do País, os integrantes da Coluna foram acolhidos pacificamente. No Nordeste esse papel ficou a cargo do Estado do Maranhão. Segundo Anita Prestes, nesse, houve uma considerável situação oposicionista às oligarquias locais governantes, representantes do partido republicano local. Nesse meio, até alguns impressos locais aderiram à causa da Coluna, assim como sujeitos adeptos ao Movimento. A autora pontua que "a simpatia pelos rebeldes da Coluna Prestes era muito grande". O jornal "Folha do Povo", que saía na capital do Estado [...] chegava a abrir manchete para saudar os "pioneiros da Liberdade"[33].

Entretanto, o caso daquele Estado seria uma exceção em terras nordestinas, pois as maiores ofensivas em combate aos "revoltosos", no cenário nacional, ficaram por conta de Estados dessa regional do território nacional, especificamente Bahia, Paraíba, Pernambuco e

32 Jornal *O Nordeste,* Fortaleza, 16/01/1926, p. 01.
33 PRESTES, *op. cit., p. 225.*

Ceará. Embora a passagem da Coluna no Ceará perdurasse pouco tempo, a ofensiva cearense teve espaço considerável.

De alguma forma, evidenciamos que dos cerceamentos à Coluna no interior cearense, houve, além das investidas das forças oficiais, o apoio dos impressos de circulação no Ceará. Assim, pensamos na necessidade da historicidade da imprensa entrelaçadas em diretrizes mais amplas, mas que devem ser entendidas nas suas conjunturas locais. No Maranhão, a Coluna receberia, em determinada medida, até o apoio de jornais importantes. Já no Ceará, a experiência foi outra.

Pelas evidências, no estado cearense, havia uma consonância entre o governo e alguns segmentos sociais locais: polícia, autoridade políticas, personagens religiosos, proprietários rurais, assim como dos importantes impressos de circulação. Nesse entrelaço, a travessia da Coluna Prestes no interior cearense foi pautada por combates aos seus intuitos pela atuação dessas articuladas forças.

Quanto à conjuntura política cearense naquele período, primeiro destacamos relativa ausência de produções historiográficas ou de documentações acessíveis. Apesar de nosso trabalho não se pautar, estritamente, numa análise sobre a política cearense da década de vinte do século XX, algumas observações se tornaram necessárias, uma vez que se reportam a moldura contextual relacionada a passagem da Coluna Prestes em solo cearense. Como observado anteriormente, o Ceará, naquele tempo, se apresentou com um dos Estados da federação contrária a passagem do Movimento, organizando mecanismos de combate ao movimento dos tenentes. Na esfera administrativa estadual, o governo era chefiado por José Moreira Rocha, vinculado ao Partido Conservador da "oligarquia Accioly"[34]. Lembremos que importantes oligarquias locais tiveram atuação importante na administração política do Ceará.

Porém, o que nos chama atenção quanto aos desdobramentos de ofensiva a travessia da Coluna Prestes no Ceará foi da ausência, ou melhor, da minimização do papel do governador cearense. Quem de fato teve destaque ou assumiu essa função, foram a lideranças caririenses, através de Floro Bartolomeu e Padre Cícero Romão Batista. Afinal, a principal articulação contra os tenentes rebelados no Ceará foi organizada por Floro Bartolomeu com o chamado Batalhão patriótico, tendo como sede a cidade de Juazeiro do Norte.

---

[34] FREITAS, Airton. *História do Ceará: da Pré-História ao Governo Cid. Gomes*, 2ª Edição. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2007, p. 199.

Dar-se a entender, que as relações políticas entre o governo federal de Artur Bernardes, desejoso do fim do movimento da Coluna, e as forças políticas cearenses, especificamente da região do Cariri cearense se deram, supostamente, sem a mediação do governador Moreira Rocha. Denotando-se também que se havia um harmônico ou interessante dialogo entre os lideres locais caririenses e Artur Bernardes, então presidente da República.

Então, indagamos por que tamanho destaque ao coronel Floro Bartolomeu e seus aliançados locais nessa tarefa? Por um lado, devemos destacar a importância da região do Cariri no final do século XIX e inicio do século XX. Naquele tempo houve intrínsecos eventos locais que tiveram destaque a nível nacional, como a ascensão de Padre Cícero como líder religioso (milagreiro), mediante ao "fenômeno sobrenatural", transformando Juazeiro numa "Meca" religiosa; o crescimento e emancipação política da cidade; a vocação e atuação política do Padre, juntamente com Floro Bartolomeu e, por fim, a sedição de Juazeiro [35], evento de feição política.

Mesmo não ficando amplamente claro, aspectos contextuais e pormenorizados da política cearense acerca da década de 20, diante de limitações, relativamente, alheias a essa pesquisa, o estudioso Ralph Della Cava tece uma observação bastante pertinente sobre a aliança política caririense com o governo de Artur Bernardes:

> Em 1926, os laços do Cariri com o governo federal revelaram-se ainda mais recíprocos [...] Quando a famosa Coluna Prestes atingiu o Ceará, em principio de 1926, coube ao deputado Floro Bartholomeu, com aprovação do então presidente Artur Bernardes, organizar o Batalhão Patriótico de Joaseiro para derrotar "os rebeldes" antigovernistas [...] a atuação de Floro contra a Coluna Prestes marcou um ponto de vantagem para o Cariri, como uma "terceira força

---

[35] Revolta que aconteceu em 1914. Envolveu as oligarquias cearenses e o governo federal. Naquele tempo, Hermes da Fonseca, presidente do país, elaborou "a política das salvações", tendo como principal medida intervir na política dos estados e evitar que oposicionistas se elegessem. No Ceará, tal prática foi implementada, derrubando do poder a oligarquia Acioly com a nomeação de Franco Rabelo. Um dos contestadores dessa medida, Pe. Cícero, acabou sendo perseguido por Rabelo que decretou a invasão de Juazeiro do Norte. Entretanto, essa tentativa fracassou, uma vez que a cidade se encontrava guarnecida. Após a expulsão das tropas de Rabelo, Floro Bartolomeu seguiu ao Rio de Janeiro com intuito de conseguir apoio político contra a interventoria instaurada no Ceará. Em tempo, os seguidores de Padre Cícero iniciaram uma marcha para Fortaleza, Capital do Ceará, na tentativa de derrubar Franco Rabelo. Sobre a sedição de Juazeiro ver: DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joaseiro*. RJ: Paz e Terra, 1976. TAVARES NEVES, Napoleão. *Cariri:* ninho da história regional, berço de heróis, de mártires e de santos. Crato: Edições IPESC-URCA, 1997. NETO, Lira. *Padre Cícero: poder, fé e guerra no sertão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

política" dentro do Ceará, garantindo favores federais e as compensações no âmbito regional.[36]

Com isso, vemos que se abre margem para uma série de discussões sobre a política cearense e das forças políticas interioranas com o governo federal, propiciando assim interessantes problemáticas.

Já quanto à atuação das diretrizes políticas de Fortaleza, a capital, supomos que não houve uma resistência ou situação contrária aos esforços governamentais federais em combater a Coluna, apesar do ofuscamento ou do papel minimizado perante o desempenho de Floro e de Padre Cícero.

Notadamente, protagonistas da política cearense daquele período, como Floro Bartolomeu da Costa e o Padre Cícero Romão Batista, representavam poderes, articulados em alianças oligárquicas. Quanto ao papel de Padre Cícero na campanha contra a Coluna, um dos indícios dessa investida foi a produção de uma carta dirigida a Luiz Carlos Prestes e publicada nos jornais do período.Pela peculiaridade do documento, transcrevemos alguns fragmentos:

O padre Cícero concita os revoltos a deporem armas.

O trabalho a ser transcripto, pelo maximo criterio que presidiu a sua elaboração, pertence ao numero dos que reclamam divulgação de modo a ser bastantemente conhecido por aquellas pessoas que desejam ver a Patria engrandecida restabelecendo-se a paz que tanto se ambiciona.

Escreveu o reverendo Padre Cícero:

Caros patrícios

Venho-vos convidar á rendição. Faço-os, firmando na convicção de que presto serviço á patria pra cuja grandeza devem palpitar os vossos corações de patriotas.

Acredito que já nutris esperanças na victoria da causa pela qual, há tanto tempo pelejais, com exepcional bravura. E' tempo, portanto de retrocederdes no arduo por que seguis e que agora, tudo está a indicar, vos vai conduzindo o inevitavel abysmo. Isto, sinceramente, enche-me a alma de sacerdote catholico e brasileiro de intraduzíveis apprehensões, dominando-a de indefinivel tristeza.

[...]Assim sendo, é claro que se outros vultosos males não acarretasse ao Paiz a campanha que contra elle sustentaes, bastaria attendardes nessa importante razão para vos demoverdes dos propositos de luta em que persistis.

36 DELLA CAVA, op. cit., p. 253 e 254.

Entretanto, deveis refletir ainda na viuvez e na orfandade que, com penalizadora abundancia, se espelham por toda parte; na fome e na miseria que acompanham os vossos passos, cobrindo-vos de maldiçoes dos vossos patricios, que não sabem comprehender os motivos da vossa tormentosa derrota através do nosso gracioso hinterland.

E' pois, em nome desses motivos superiores e porque conheço o valor pessoal de muitos dos moços que dirigem esta malfadada revoluçao que ouso vos convidar a todos os companheiros a depordes as armas. Prometto-vos, em retribuição á atenção que derdes a esse meu convite, todas as garantias legais e bem assim me comprometo a ser advogado das vossas pessoas perante os poderes constitucionais da Republica, em cuja patriotica complacencia muito confio e deveis confiar também.

[...]Outrossim: é meu principal desejo vos salvar da ruina moral em que, insensivelmente estais embrenhado com os feios atos e desregramento consequentes da revolução e que, certamente, conduzirão a uma inevitável ruína material. Lembrae-vos de que sois moços educados, valentes soldados do Brasil, impulcionados nesse vosso corajoso tentamemto por um ideal, irreflectido embora e que, entretanto, estaes passando, perante a maioria dos vossos compatriotas, por scelerados comuns já se vos tendo entristecedor. Deixai, por tanto, a luta e voltai á paz; -- paz que será abençoado por Deus, bemdita pela patria aclamada pelos vos concidadãos e, pois, só nos poderá conduzir a felicidade. Deus e a patria assim querem, e eu espero que assim o fareis.

Com toda attenção susbescrevo-me, vosso patricio mais grato

Padre Cicero Romão Baptista.[37]

Na carta, Padre Cícero Romão Batista expôs seu pensamento em relação à ação da Coluna. O discurso contido se alinhava, em certo ponto, aos propósitos do Governo federal e estadual de mostrar a sociedade os perigos que representavam os "revoltosos". Essa publicação, entendida como uma representação, apresentou uma posição não apenas de reprovação aos membros da Coluna diante dos conflitos desencadeados entre esses e as forças legalistas, mas também de solução do caso a partir de sua rendição, ao passo que os chamavam de "corações patriotas", demonstrando uma posição estratégica de diplomacia. Dessa forma, em nome do patriotismo e da concórdia, solicita o fim dos conflitos. Num jogo de palavras e proclames, prezava-se pela paz nacional em depreciação aos atos da Coluna Prestes. A nosso ver, a montagem do argumento tinha como prerrogativa desbaratar os conflitos e o desejo em pôr fim o movimento.

[37] Jornal *O Sitiá*, Quixadá, 07/02/1926, p. 01.

Mesmo percebendo-se por essa ótica, ainda nos é caro entender qual(is)a(s) funcionalidade(s) do documento. Poderia significar uma emboscada aos membros da Coluna, uma vez que a cidade de Juazeiro era o QG do deputado Floro Bartolomeu à frente da patriótica ou seria apenas um ato humanitário da natureza "virtuosa" de um sacerdote. A destacar, lembremos que o religioso transitava em funções religiosas e políticas no Cariri cearense, exercendo cargos políticos como de prefeito municipal dessa localidade, evidenciando uma prática simbiótica de religião e política bastante presente nas redes de sociabilidade do Nordeste brasileiro.

Reportando-nos à carta dirigida a Prestes, tal empreendimento, por fim, não conseguiu o "baixar guarda" da Coluna, pois ela permaneceu em seus desenrolares pelos sertões cearenses. Ademais, atentamos que o jogo de palavras utilizadas na carta montou uma vontade, um desejo não aleatório, mas perpassado por interesses. Afinal, o líder religioso estaria vinculado à causa das oligarquias e Governo contra a Coluna Prestes.

Ainda sobre o documento, íntimo, em certa medida, pois foi remetido do Padre e destinado a Prestes e apresentado nos jornais, poderia ter como intento demonstrar quão figura ilustre estava a serviço da Pátria, ou como uma forma de fortalecer a causa daqueles que queriam, a qualquer custo, aniquilar o movimento dos tenentes, angariando e/ou fortalecendo apoio de segmentos sociais como o religioso. Atentamos que, na região do Cariri, os seguidores do religioso constituíam uma expressiva parcela de apoio aos seus intentos.

Outro ponto observável acerca do documento e da referência dada ao religioso é que o texto da carta de Padre Cícero foi antecedido por um texto menor, editado pelo jornal, apontando para a "virtuosa" ação da personagem religiosa. Com isso, reforçamos que o líder religioso se configurava como sujeito influente em questões de caráter político e social, para além de uma mera função religiosa. O pensamento do Padre Cícero, de alguma forma, não deixaria de ser uma "arma" de combate à Coluna.

Entre contextos, não poderíamos deixar de apontar para a peculiaridade das atuações de Floro Bartolomeu e de Padre Cícero na campanha anti-Coluna. A atuação de ambos é relevante além do que poderíamos pensar quanto às articulações políticas em combate à passagem da Coluna Prestes pelo Estado cearense.

Diante do avanço do Movimento, cada Estado da federação ficou incumbido de organizar segmentos de apoio ao Governo Federal e combater os ditos "revoltosos". O Ceará teve como principal personagem envolvido o deputado Floro Bartolomeu e dentre outros vários sujeitos imersos nas tramas contra a Coluna. Destacamos também o líder religioso Padre Cícero, que mantinha estreitos vínculos com o deputado Floro. Nessa conjuntura, Padre Cícero teria sido designado, após a ausência de Floro Bartolomeu, a mediar o apoio de bando de Lampião, exímio conhecedor dos sertões nordestinos, a aderir à causa do governo e aliados na campanha anti-Coluna.

Assim, pensamos que a atuação do Padre quanto ao contexto político daquele momento foi além da própria carta direcionada a Luiz Carlos Prestes. Das articulações políticas do Padre, além do envio da mesma que "teria sido levada por uma beata de grande estima pessoal do Padre"[38], mencionamos o "episódio da patente"[39]. Foi nesse cenário que adentrou Virgulino Ferreira, o "Lampião", e seus cangaceiros, até então perseguidos por autoridades políticas (governos federal e estadual). Eles teriam sidos sondados como possíveis reforços das forças legalistas.

Tidos como "bandidos" ou "foragidos" da lei, em virtude de suas ações, os cangaceiros do bando de Lampião poderiam naquele momento ser um proveitoso aliado na luta contra a Coluna. De alguma forma, vemos que, por circunstâncias específicas, aos artífices do campo político, podem resultar outros traçados. Nesse caso, os cangaceiros, alvos do governo, passaram a ser uma possibilidade na campanha anti-Coluna. Por si, percebemos quão as articulações políticas são dinâmicas e como elas podem propor ou concretizar alianças consideradas imagináveis ou impraticáveis.

Para essa questão, evidenciamos que a atuação dessas duas personagens,apesar de convergentes aos interesses oligárquicos e governamentais em esfera política local, promoveu uma relação "amistosa" com Virgulino Ferreira, o "Lampião", e seus cangaceiros. E que, até

---

38 BARROS, Lutigarde Oliveira Cavalcanti. *A Derradeira Gesta. Lampião e Nazarenos guerreando no Sertão*. RJ: FAPERJ, 2000, p. 285.

39 "O episódio da patente" refere-se aos boatos da aproximação da Coluna Prestes para as fronteiras do Ceará. Nesse ínterim, o deputado Floro teria, supostamente, cogitado, por meio de uma carta, o apoio de Virgulino Ferreira, o "Lampião" e seu bando a participarem do Batalhão Patriótico. A negociação com os cangaceiros resultaria na isenção de seus crimes, ao passo que os mesmos receberiam, como honra, uma patente de oficial das forças legais, chamada de "patente da patriota". Em meio à situação, Lampião e seu bando teriam comparecido à cidade de Juazeiro do Norte, localidade onde se concentrava organização das forças legalistas. Entretanto, naquele momento Floro Bartolomeu, responsável pela situação, se encontrava no Rio de Janeiro, acometido por problemas de saúde. Em virtude de sua ausência e com a presença do Bando na referida localidade, Padre Cícero, aliado político de Floro, teria mediado essa conversação.

hoje, muito se especula sobre esse episódio e se de fato teria ocorrido essa aliança ou quais seriam as feições desta possibilidade.

Pela tentativa de Floro Bartolomeu, algumas produções apontam como uma assertiva, embora atenuada por controvérsias. Já acerca de um confronto direto entre "cangaceiros" e "revoltosos", em terras cearenses, que ora se desvelam, talvez esse suposto combate tenha se gerido no âmbito do imaginário popular.

Interessante mencionar que não constatamos, nos jornais pesquisados no período da travessia da Coluna Prestes por solo cearense, notícias referentes ao caso da possibilidade de aliança entre Floro Bartolomeu e o bando de Lampião. Sobre tal questão, podemos intuir duas possibilidades: uma relacionada às estratégias de combate à Marcha, pois poderia ser um plano de feição sigilosa e, de algum modo, a utilização do bando de Lampião resultaria numa alternativa ou elemento surpresa de ataque àColuna. Por isso, talvez a necessidade de minimizar informações sobre a suposta façanha. Nessa suposição, pontuamos ainda que os jornais, em nível nacional, apesar de serem importantes aliados na campanha anti-Coluna, eram acometidos, em determinados aspectos, por censura ou controle do governo quanto aos conteúdos divulgados sobre o movimento dos tenentes e das ações das tropas governistas.

Assim, provemos pensar que a não-divulgação de determinadas notícias, nesse caso, da sondagem do bando de Lampião por Floro Bartolomeu, concorria às estratégias de luta, tal como uma forma de desorientar, desinformar ou emboscar o inimigo. Já outra possibilidade de compreensão poderia se referir ao aspecto de uma aliança de caráter duvidoso, uma vez que envolvia cangaceiros, personagens polêmicos à luz da sociedade da época. Talvez, expor essa questão nas páginas de impressos de orientação moralista e conservadora resultasse em controversas ou dividisse opiniões, em um momento em que o alvo central era a marcha dos tenentes rebelados. Embora a questão da sondagem do bando de Lampião para auxiliar no combate à Coluna Prestes fosse velada pelos jornais, eles não pouparam menções aos personagens da política do sul do Estado cearense: Padre Cícero e Floro Bartolomeu, envolvidos na campanha anti-Coluna.

Como já pincelado anteriormente, o Cariri cearense não foi foco central da passagem da Coluna Prestes, porém, havia o temor que os membros da marcha adentrassem cidades como Crato e Juazeiro do Norte. Entre possibilidades, Maria Isaura Pereira de Queiroz tece que a atuação do Padre Cícero em combate àColuna ocorreu porque "somente este tinha o

poder suficiente para impedir que a massa popular sertaneja se inclinasse para os revoltosos”[40].

Com isso, podemos pensar que a região do Cariri cearense assumiu importante destaque ao se tornar o quartel de organização dos mecanismos de defesa do território cearense e ataque à Coluna, na medida em que o então líder religioso também detinha expressiva influência político-religiosa entre seguidores e aliados locais. Segundo Barros, o Padre Cícero em determinadas situações atuou pelo método conciliador de interesses, tal qual a preservação da cidade de Juazeiro do Norte em relação à presença de Lampião. Assim, podemos pensar que uma das características dessa personagem foi atuar no meio político pelo artífice da diplomacia, revestida na função de autoridade religiosa. A destreza é surpreendente nessa situação em específico, pois, segundo a autora, o religioso teria enviado a carta antes mesmo da formação do Batalhão Floro Bartolomeu, correspondência datada de 20 de fevereirode 1926[41].

Consoante a essa questão, atentamos para as funcionalidades do Padre Cícero, ao compreendermos que, apesar de o religioso ser representado pela sua função clerical, à primeira vista, ele não estava alheio à conjuntura política do país naquele momento em que se pautava pela repercussão da marcha da Coluna Prestes e da perseguição de Artur Bernardes ao Movimento.

Em atuação de combate à Coluna, o Batalhão Floro Bartolomeu se deslocou da cidade de Juazeiro do Norte rumo à cidade de Campos Sales, território de fronteira entre os Estados do Piauí e Ceará, e de onde os membros da Coluna se aproximavam. Segundo as fontes documentais, houve algumas “cruzadas de fogo” nas proximidades desta localidade, envolvendo os legalistas e os membros da marcha.

No tocante à mobilização do Batalhão Floro Bartolomeu, esse episódio foi registrado nas páginas do jornal “Diário do Ceará”:

> Joazeiro, 11 --- hontem ás 17 horas sob o comando do coronel Pedro Silvino, seguiu para Campos Salles o primeiro batalhão patriotico organizado pelo deputado Floro Bartholomeu, com effectivo de 500 soldados.

---

40 QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O mandonismo local na vida brasileira*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, USP, 1969, p. 108.
41 BARROS, op. cit., p. 285.

> No momento da partida o padre Cícero proferiu eloquente allocução, explicando aos patriotas a sua elevada missão na defesa da legalidade. Recommendou a todos que saibam cumprir o seu dever com obediencia aos seus superiores.
>
> Terminada a allocução, o batalhão desfilou garbosamente entre delirantes aclamações de nunca menos de 10000 pessoas.
>
> A banda de musical puxou o batalhão até fóra da cidade.
>
> Diariamente a começar de hoje, partirão contigentes de cem homens, até completar o total de 1000 combatentes.[42]

Diante das investidas da Coluna ao incursionar pelo Estado cearense, suas fronteiras foram guarnecidas pelas forças legalistas. Em meio aos confrontos, foram registradas e divulgadas pelos impressos algumas "trocas de fogo" nas proximidades de Campos Sales e circunvizinhanças com atuação do Batalhão Floro Bartolomeu. Mas, sem dúvida, o maior confronto em proporções de repercussão se deu na cidade de Crateús, onde ocorreu a morte de dois integrantes da Coluna Prestes. O cerco de Crateús teve tamanho burburinho pelos impressos cearenses da época que foi divulgada como "A resistência heróica de Crateús".

O conflito de Crateús que envolveu as forças legalistas e a Coluna foi contemplado pelos impressos como a vitória do povo cearense e dos esforços governamentais. Embora o conflito não tenha aniquilado a Coluna, apenas resultando na recuada da Marcha dessa localidade, representou para as forças de coalizão anti-Coluna uma "grande" façanha. Na construção dessa visão, os jornais não deixaram de moldar a face vulnerável do Movimento, pontuando seu suposto desmantelamento e que, não tardiamente, resultaria no seu fim.

Devemos atentar que, naquele momento do conflito em Crateús, apenas o pelotão João Alberto esteve em combate, pois o "grosso" da Coluna liderado por Luiz Carlos Prestes seguiu em direção àcidade de Arneiroz, localidade onde ocorreu o encontro das demais divisões da Marcha.

Outro meio publicado pelos impressos e dedicado ao assunto da presença da Marcha em território cearense foi os telegramas que dispunham de considerável espaço nos textos jornalísticos. A maior parte era remetida por prefeitos de localidades do Estado, que acompanhavam o desenrolar da travessia da Coluna Prestes por solo cearense, assim como de outras autoridades públicas.

---

42 Jornal *Diário do Ceará*, Fortaleza, 13/01/1926, p. 01.

O conteúdo dos telegramas voltava-se para exaltação do "espírito combatente" das tropas legalistas em prol da atuação dos batalhões patrióticos e da depreciação das atitudes do movimento "rebelde". Evidenciamos nesses impressos um maior número de publicações de telegramas referentes à passagem da Coluna Prestes, quando houve o já mencionado "conflito de Crateús". O teor desses telegramas apontava para os feitos "heroicos"das forças legalistas por terem rechaçado o movimento nessa localidade.

Naquele momento, a massa de notícias destinada à travessia da Coluna atingiu relevante notoriedade. Pela peculiaridade, vemos que os periódicos traziam uma gama de informações relacionadas à Coluna, a atuação do Governo e o conflito de Crateús. Foi nesse jogo que os telegramas publicados apareceram. Sendo importantes informantes, porta-vozes da sociedade cearense ao demonstrarem solidariedade aos feitos das tropas legalistas, apoio ao governo e repulsa à Coluna.

Vejamos algumas passagens dos telegramas publicados pelo impresso "Diário do Ceará", relacionados ao conflito na cidade de Crateús:

> A secretaria da presidencia informa ter s.exc. O Sr. Presidente do Estado recebido os seguintes telegramas:
>
> Quixadá 19 – apresentamos a v.exc. calorosas felicitações significativas victoria das forças legaes, onde a bravura e a intepridez dos nossos soldados se fizeram notadas. Applaudimos gesto maxima energia do vosso honrado Governo em prol da integridade do Ceará. Hypothecando o nosso apoio moral á causa da legalidade. Saudações Nilo Tabosa, Prefeito; Eusebio de Sousa, Juiz de Direito; Avellar Rocha, Juiz Municipal.
>
> Campos Salles, 18 – Sciente telegrama eminente Chefe Estado. congratulando v.exc. pela brilhante victoria alcançada nossa policia combate Cratheús. Defesa essa fronteira acha-se bem guardada e tudo faremos sem medir sacrificios pela victoria da legalidade. Saudações Joaquim Lima, Prefeito.
>
> Sobral, 19 – Sciente vosso oficial n. 467. Congratulo-me com vossa excia. Pelo triunpho legal Cratheús. Aqui tudo bem. Cordiaes saudações. Antonio Mendes Carneiro. Prefeito Municipal.[43]

Nessa reportagem, foi publicada uma série de telegramas acerca dos conflitos. Contudo, externamos apenas alguns fragmentos, levando em consideração, além do conteúdo,

[43] Jornal *Diário do Ceará*, Fortaleza, 20/01/1926, p. 01.

quem eram esses remetentes. Pode-se observar que a maioria das missivas correspondia aos prefeitos municipais e autoridades, como já mencionado.

A quantidade de telegramas expostos por esses impressos, lembrando que eles também foram publicados noutros impressos de circulação, demonstrava a repercussão que teve o conflito de Crateús e a suposta vitória das forças legalistas. Reportagens e telegramas formavam um misto que incrementavam o arsenal de informações sobre o conflito, ao passo que tornavam público os feitos das forças legalistas em uma campanha empreendida pela logística da informação e do combate armado contra a Coluna Prestes.

Voltando à reportagem citada, lembremos que alguns dos telegramas foram remetidos por sujeitos de outras localidades externas ao espaço cearense, como da União e de outros Estados. Dos telegramas, devemos destacar de onde partem as falas, quem as produz e os interesses em jogo. Geralmente, esses telegramas publicados nas edições dos noticiosos provinham de famílias oligárquicas, coronéis e pessoas letradas. Pensando por esse viés, os jornais publicavam as falas de aliados, contribuindo ordenadamente para a construção de uma visão depreciativa ou hostil à Coluna.

Assim, indagamos: será que, se alguém quisesse remeter, naquela época, um telegrama em apoio à Coluna seria publicado por esses impressos? Pouco provável, pois temos em mente que os jornais de grande circulação naquele momento tinham uma posição bem definida no entremeio das tensões envolvendo a Coluna Prestes e as forças legalistas.

Os telegramas publicados, em demasia, traduziam-se nos apoios aos esforços governamentais, ao passo que compuseram a teia de mecanismos dos impressos, que,além destes, utilizou-se de outros elementos: textos de autoridades, cartas, depoimento de civis.

Com isso, esses telegramas não deixaram de ser armas. Não "armas de fogo", mas importantes artifícios, que, aliados a outros recorridos pelos noticiosos, promoveram, pelo uso das ideias e das palavras, sentidos que ajudaram a construir a campanha anti-Coluna e a moldar significados relacionados à Coluna Prestes.

Contudo, esclarecemos que os jornais nos seus aportes proveram disseminar aspectos a favor de seus aliados. A postura editorial, as formas como foram construídas e os contextos que esses se enquadram evidenciam seus propósitos. No Nordeste, de um modo geral, a Coluna não teria sido bem recepcionada, pois articulações envolvendo variados segmentos aderiram às causas do governo ou se alinhavam a eles.

Quando tratamos de representações, devemos levar em consideração de que grupos partem essas elaborações, assim como os vínculos de seus agentes e motivações. Naquele momento, a relação dos jornais cearenses e seus aliados construiu, por meio de símbolos, expressões e imagens, uma versão da passagem da Coluna Prestes e que, à revelia ou não, proveram uma memória quanto ao evento.

Aos entendimentos da atuação dos jornais quanto à construção das representações acerca da Coluna Prestes pelo Ceará, temos em mente perceber que essas funcionalidades, assim como vínculos, interesses e práticas atreladas aos impressos, instituem e legitimam memórias. Consoante ao argumento, Capelato pondera que "a imprensa age no presente e também no futuro, pois seus produtores engrenam imagens da sociedade que serão produzidas em outras épocas" e que "a reconstituição dos liames entre a história e política implica reverter o sentido do que foi descrito para desvendar os artifícios dos construtores da memória"[44].

Naquele momento, os jornais impressos cumpriram sua funcionalidade, editando informações, construindo valores e postulando significâncias aos membros da Coluna. Em torno de 21 dias, aproximadamente, de travessia, os impressos direcionados para os ideais do Governo não mediram esforços de relatarem como "trágica" a passagem da Coluna Prestes por solo cearense, sendo marcada pelos saques, pilhagens em meio à sensação do terror associados aos membros da marcha. Mas será que a disseminação do terror ou medo não foi construída por demasia? Pois, em nível de compreensão, esses impressos tiveram a função de relatar a passagem de Luiz Carlos Prestes, João Alberto, Miguel Costa e seguidores, ao passo que eram formadores de opinião.

No tocante às informações produzidas sobre a Coluna Prestes no território cearense pelos jornais, a Marcha seria o sinônimo de "revolta". O próprio termo, "revoltosos", perpetuou-se como feição central dos membros do movimento. Representação essa vinculada aos jornais impressos da época, que se desdobraram em saqueadores, impatrióticos e imorais.

Porém, devemos pensar que esses jornais construíram sentidos e significados aos interesses do momento. Ou seja, houve uma elaborada campanha anti-Coluna pelo governo Artur Bernardes e que teve, a nosso ver, relevante contribuição dos impressos vinculados ao mesmo. Sendo assim, provamos que essas produções jornalísticas, disponíveis hoje nos

---

[44]CAPELATO, Maria Helena. *Imprensa e História do Brasil.* São Paulo: Contexto, 1998, p. 25.

arquivos ou bibliotecas, instituíram e guardam uma memória escrita da Coluna Prestes. Por isso, não poderíamos deixar de questionar tão cristalização, pois essas escritas não se condensam como as únicas produções, que abordam sobre a passagem da Coluna Prestes no Ceará e caberá noutra oportunidade intensificar a discussão.

Dos jornais impressos, percebemos suas visões e posições relacionadas aos membros da Coluna e portanto, uma das questões que permeiam a representação "revoltosos" é: quem a elaborou? Talvez, o ponto de partida seriam os jornais, pois eles foram aliados do discurso do Governo na campanha anti-Coluna e promoveram construções de imagens e significados sobre os personagens do movimento, instituindo uma memória oficial da Coluna nesse Estado, associados aos elementos do horror, antipatriotismo e imoralidade.